



**REFLEXÕES, PROPOSIÇÕES E  
DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO  
DO CONHECIMENTO  
ACADÊMICO E CIENTÍFICO  
NO BRASIL: 2022**

Carla Dendasck

Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias

Reza Nassiri

Organização

Reflexões, proposições e desafios na construção  
do conhecimento acadêmico e científico no  
Brasil [livro eletrônico] / organização  
Carla Dendasck, Claudio Alberto Gellis,  
Reza Nassiri. -- 1. ed. -- São Paulo :  
CPDT, 2022.  
HTML.

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-996464-3-0

1. Ciência da informação 2. Conhecimento  
3. Pesquisa científica 4. Publicações científicas  
I. Dendasck, Carla. II. Gellis, Claudio Alberto.  
III. Nassiri, Reza.

22-140707

CDD-020

DOI: [10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/604](https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/604)

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

### PARTE I – REFLEXÕES

#### 1.1 COMO SE CONSTRÓI O CONHECIMENTO?

*Marina Matos de Moura Faíco*

#### 1.2 O CONHECIMENTO BÁSICO QUE NÃO ESTÁ NA BASE

*Bruno Marcos Nunes Cosmo*

#### 1.3 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUAS ORIGENS: DA CONCEITUAÇÃO AOS EQUÍVOCOS

*Michele Aparecida Cerqueira Rodrigues*

#### 1.4 EM DEFESA DO DIÁLOGO NO FAZER CIENTÍFICO INTERDISCIPLINAR: PROVOCAÇÕES À PSICOLOGIA

*Antonio Luiz da Silva  
Diana Sampaio Braga*

#### 1.5 OS ECOSISTEMAS COMUNICACIONAIS: UMA PEDAGOGIA DA DIALOGICIDADE DEMOCRÁTICA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

*Tiago Silvio Dedoné*

#### 1.6 INTERSECÇÕES ENTRE A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO: TECENDO REFLEXÕES SOBRE A EDUCOMUNICAÇÃO

*Tiago Silvio Dedoné*

#### 1.7 A QUESTÃO ÉTICA NA CONDUÇÃO DE ESTUDOS EMPÍRICOS QUE ENVOLVEM PESSOAS EM ENGENHARIA DE SOFTWARE

*Hugo Leonardo Nascimento Almeida*

#### 1.8 A INTERFACE ENTRE PESQUISA CIENTÍFICA E A PROBLEMATIZAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE

*Elisandra Villela Gasparetto Sé*

## **1.9 MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DOCENTE: A SALA DE AULA COMO PREÂMBULO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

*Alessandra Carla Guimarães Sobrinho  
Alexandre Carlos Guimarães Sobrinho*

## **1.10 REFLEXÕES SOBRE A DICOTOMIA DOS EFEITOS DAS INSTITUIÇÕES REGULADORAS DO CONHECIMENTO**

*Carla Viana Dendasck  
Euzébio de Oliveira  
Amanda Alves Fecury  
Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias*

## **PARTE II - PROPOSIÇÕES**

### **2.1 A REDE MERCOSUL PARA O FORTALECIMENTO DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: A VIVÊNCIA DE DIFERENTES POLÍTICAS EDUCACIONAIS ENTRE BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA**

*Anísio Francisco Soares  
Maria do Rosário de Fátima Brandão Amorim*

### **2.2 PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS DE DISCENTES DURANTE O ENSINO MÉDIO: UMA REALIDADE POSSÍVEL**

*Cludio Alberto Gellis de Mattos Dias  
Carla Viana Dendasck*

### **2.3 A CIÊNCIA COMO PROCESSO CRIATIVO NA FORMAÇÃO CULTURAL DE UM PAÍS – DESAFIOS ÀS NOSSAS ESCOLAS**

*Andréa Velloso  
Luciano Luz Gonzaga*

## **PARTE III- DESAFIOS**

### **3.1 TRANSIÇÃO DO ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE SOBRE OS FATORES QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

*Raimunda Gomes Maciel  
Alana da Silva Cruz  
Marléa de Nazaré Sobrinho Costa  
Eliane Silva e Silva*

### **3.2 DESAFIOS DA PESQUISA CIENTÍFICA DESENVOLVIDAS NA GRADUAÇÃO NO CENÁRIO “PÓS-PANDEMIA”**

*Fernanda Ribeiro Marins  
Marcelo Limborço-Filho  
Patrick Costa Ribeiro Silva*

### **3.3 GESTÃO DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E DESAFIOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19**

*Liana Barcelos Porto  
Amilson de Araújo Durans*

### **3.4 OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA E PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO SUPERIOR DA ENFERMAGEM**

*Daniela da Silva Santos*

### **3.5 DESAFIOS ENFRENTADOS NO FOMENTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) PRIVADAS NO BRASIL**

*Walber Goncalves de Souza  
Leonardo de Amorim Sathler  
Raquel Carvalho Ferreira*

### **3.6 OS DESAFIOS DO ENSINO DE BIOFOTÔNICA NO BRASIL**

*Rosane de Fátima Zanirato Lizarelli  
Vanderlei Salvador Bagnato*

### **3.7 DESAFIOS E ABORDAGENS NO CAMPO DA ARQUITETURA-URBANISMO NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DOS ÍCONES ARQUITETÔNICOS SOB A PERSPECTIVA DE CHARLES JENCKS E JOSEF MARIA MONTANER**

*Marcelo Sbarra*

### **3.8 OS DESAFIOS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA DOS ALUNOS DE ENGENHARIA DA FACULDADE ANHANGUERA DE SERRA/ES**

*Joana Segatto Scabelo*

### **3.9 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA INCLUSÃO NO CONTEXTO DE ESCOLARES**

*Marcel Alcleante Alexandre de Sousa*

### **3.10 A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA – PESQUISA REALIZADA COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL**

*Fábio Peron Carballo*

### **3.11 REFLEXÕES ACERCA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS NO BRASIL**

*Wenis Vargas de Carvalho*

*Marcio Hollosi*

*Lourival José Martins Filho*

## **PARTE IV – EXEMPLOS PRÁTICOS**

### **4.1 AVIFAUNA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: BASES CONCEITUAIS**

*Patrick Rodrigues Fleury Cabral*

*Josué Ribeiro da Silva Nunes*

*Sérgio Tosi Cardim*

### **4.2 CONHECIMENTO DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE JOAQUIM DO BOCHE, SITUADA NO MUNICÍPIO DE TANGARA DA SERRA – MT**

*Josué Ribeiro da Silva Nunes*

*Julieth Almeida de Castro*

*Rogério Benedito da Silva Añez*

*Patrick Rodrigues Fleury Cabral*

*Nasson Delgado de Arruda*

### **4.3 TECNOLOGIA DE SEMENTES NA IMPLANTAÇÃO DE HORTA: UMA PERSPECTIVA SOBRE SUSTENTABILIDADE E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

*Izael Oliveira Silva*

*Jackson Vitor dos Santos*

*Janaína Firmina dos Santos*

*Gabriel Silvestre dos Santos*

*Thamara Suzany da Silva Izario*

*Paulo Henrique dos Santos*

*Maria Eduarda Gouveia Costa Guimarães*

**PARTE V- PROBLEMAS QUE AFETAM A CONSTRUÇÃO DO  
CONHECIMENTO ACADÊMICO E CIENTÍFICOS NO BRASIL, DIRETA E  
INDIRETAMENTE**

**5.1 VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DIREITOS  
HUMANOS E LIBERDADE**

*Sidelmar Alves da Silva Kunz*  
*Norma Lucia Neris de Queiroz*  
*Josiene Camelo Ferreira Antunes*  
*Gilvan Charles Cerqueira de Araújo*

## APRESENTAÇÃO

A construção do conhecimento acadêmico e científico no Brasil apresenta problemas estruturais de origem histórica. No entanto, não se pode negar que em um mundo onde a tecnologia e a velocidade dos acontecimentos, associados as ambiguidades e tensões globais, nos coloca, como pesquisadores e professores, a necessidade de servir como intermediadores, e, talvez emancipadores de uma nova forma de conceber e transmitir esses conhecimentos.

Assim, os desafios agora perpassam tanto pela esfera estrutural, quanto global e pessoal. Nessa obra, que tem como missão tecer algumas reflexões, desafios e proposições sobre o conhecimento científico no Brasil, a partir das experiências e operações realizadas por pesquisadores, professores e alunos.

Esta, está dividida em cinco partes, e, em cada uma delas, é possível fazer uma análise profunda, além, de aprender com aqueles que estão à frente na transmissão do conhecimento acadêmico e científico brasileiro, com olhares e experiências que variam desde o Ensino Infantil, até a Pós-graduação. Desde a reflexão, até o campo prático.

A riqueza do corpo de pesquisadores Multi e Interdisciplinares, que compõem o corpo editorial e avaliativo da Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, é capaz de trazer um valor sem igual para todos aqueles que se preocupam em compreender os desdobramentos que estão sendo realizados, e, que tendem a nortear o futuro do conhecimento.

Boa leitura

Carla Viana Dendasck



## 1.5 OS ECOSISTEMAS COMUNICACIONAIS: UMA PEDAGOGIA DA DIALOGICIDADE DEMOCRÁTICA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

*Tiago Silvio Dedoné<sup>1</sup>*

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/718

Sistematizar os códigos para a linguagem verbal ou escrita é uma das principais estratégias para mobilizar uma comunicação eficaz, principalmente quando esta ação norteia os sentidos dialógicos nos ambientes de socialização. Este processo de ampliação de coeficientes comunicacionais, embasado em concepções semânticas, de significados, norteiam uma área de pesquisa contemporânea muito atrelada aos campos da interface comunicação e a educação: os ecossistemas comunicacionais. O campo destaca uma ótica empregada nos estudos da cognição e a comunicação, ou seja, o estudo da forma como o fluxo informacional, dialógico, circula pelas relações sociais.

Entende-se que este processo de reconhecimento do papel da comunicação enquanto instrumento de embates subjetivos e construção de sentidos, afirma um caminho importante para a democratização dialógica nos ambientes de troca de saber, como a escola, por exemplo, e organiza, de forma horizontal, a troca do saber. Ao investir em coeficientes ampliados da comunicação, os atores sociais promovem embates de culturas, visões, leituras subjetivas, sentidos. A consequência disso é a construção de novas percepções sociais e culturais. Este embate subjetivo norteia alguns paradigmas discursivos que antes determinavam os processos de gestão e hierarquização em muitos ambientes.

Como a perspectiva deste presente artigo é a investigação das intersecções entre os campos da educação e a comunicação, a temática do ecossistema comunicacional democrático muda o jeito de fazer gestão educacional, pois convida os atores e gestores dos espaços escolares à repensarem sobre o papel da comunicação, enquanto essência fundamental para um processo de intercomunicações; ou seja, analisa como é o diálogo entre os atores sociais que circulam por este ambiente, consolidando-o como instrumento afirmativo para a solução de conflitos, gestão de crises e proposições. Decodificar onde o fluxo comunicacional encontra os maiores ruídos e barreiras faz-se necessário quando se anseia a implementação de uma ação dialógica aberta.

---

<sup>1</sup> Mestre em Formação de Gestores Educacionais (UNICID); Doutorando em Educação (PUC – PR); Doutorando em História (UPF – RS). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo; Licenciaturas em Pedagogia, Letras e suas Literaturas, Letras - Libras; pesquisador membro da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom).

O desafio para o educador ou gestor da educação está na absorção conceitual sobre o papel do diálogo na emancipação dos atores da escola. Assim, alfabetização midiática implica uma formação que esteja respaldada em um processo que forneça oportunidade para ouvir e compreender o aluno.

Freire (2015), portanto, pontuou a necessidade de que o sujeito tenha conhecimento, não aquele recebido passivamente, mas, sim, aquele que requer sua presença curiosa e provocadora, que instiga uma busca constante por respostas e necessita que o sujeito veja o mundo de forma curiosa.

Dessa forma, ele trouxe à luz a essência social do diálogo, como demonstra o trecho a seguir:

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese, (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 2015, p. 65).

Esta perspectiva construtivista do papel do diálogo num ambiente, onde encontram-se tantas subjetividades, contribui, e muito, com o redirecionamento ótico dos projetos político-pedagógicos que norteiam os planejamentos de gestão ao longo do ano. A teoria que converge estes dois campos do saber e do pensar – a comunicação e a educação -, busca, como proposta, apresentar as ferramentas da comunicação instrumental, como o jornal, o rádio, o podcast, o audiovisual, a fotografia e outros, como aporte para que este fluxo comunicacional aberto e democrático auxiliem os educadores e a instituição escolar na ampliação de conhecimentos e dinâmizações para os processos de ensino – aprendizagem. De acordo com Martín-Barbero (1998), a instituição educativa muda quando redireciona sua ótica cultural e papel social, permitindo a inserção das tecnologias e a ciência, oportunizando as formas de ler o mundo.

Na relação entre Educação e Comunicação, a última quase sempre é reduzida a sua dimensão puramente instrumental. É deixado de fora o que é justamente estratégico pensar: que é a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual, ou falando de outro modo, pensar no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Um entorno difuso, pois está composto de uma mescla de linguagens e saberes que circulam por diversos dispositivos midiáticos, mas densa e intrinsecamente interconectados; e descentrados pela relação com os dois centros: escola e livro que a vários séculos organizam o sistema educacional (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 215).

Esta leitura remete a observação de que o conceito do ecossistema comunicacional não interfere apenas no desenvolvimento social e cultural dos atores envolvidos no ambiente. Não é apenas uma perspectiva orgânica. Influência, fundamentalmente, todo um conjunto de estruturas

inorgânicas – a gestão, a política interna, a infraestrutura do espaço físico, o fomento de projetos de integração da comunidade escolar.

Observar as análises discursivas, promover aspectos que relacionem a compreensão do papel das estruturas de linguagem no processo de emancipação dos alunos, atuar na perspectiva da dinamização de ensino e aprendizagem, despertar para a prática da leitura e da escrita e, principalmente, atuar na perspectiva da educação para os meios de comunicação, são algumas das reflexões importantes da moderna educação.

Portanto, faz-se necessário respeitar a prática do ouvir. Decodificar os processos de construção da informação da mídia de massa, também dentro da escola, para não correr o risco de reproduzir (quando eu divulgar e trabalhar em atividades pedagógicas) a ausência de pluralidade e de diversidade característica da mídia de massa.

Observa-se, também, que esta perspectiva se faz importante para o processo de emancipação educacional pois aponta-se como uma pedagogia de projetos. Ou seja: o desenvolvimento e produção dos recursos da comunicação na escola contribuem com a ampliação dos ecossistemas comunicacionais entre os atores sociais que permeiam pelo cenário escolar. E isso precisa ser trabalhado desde a formação docente. Além disso, auxilia na modernização do sistema de ensino, atua no redirecionamento de ótica da gestão educacional – quando contempla o enriquecimento dialógico -, bem como desperta talentos, habilidades, competências, planos pedagógicos diferenciados.

Orofino (2005) expressa a importância das práticas educativas em comunicação, em intervenção nos ambientes educacionais, justamente para poder configurar-se como o mediador dos sentidos. Isso quer dizer que a comunicação precisa ser vista muito além dos aparatos tecnológicos, mas, se fazem uso deles como ferramentas para o entendimento do processo.

A educação, segundo Freire (1987, p. 69): “é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mais um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1987) faz uma observação fundamental para entendermos o papel social da escola e dos atores na produção do saber e do pensar, destacando que esta é uma manifestação natural da experiência de formação humana.

O psicólogo e linguista russo Vygotsky (1991), que também permeia pela educação pautada na ampliação do coeficiente comunicacional, aprofunda o conceito de aprendizagem como processo social, interacionista, enquanto o sujeito aprende na troca subjetiva com o outro.

O desafio da educação no século 21 é proporcionar ferramentas que dinamizem os ecossistemas comunicacionais nos espaços múltiplos do saber e do pensar. Ensinar língua portuguesa - a língua materna - nesta perspectiva contemporânea, requer algumas quebras de paradigmas importantes, entre as quais, a proposição de novas ferramentas que modernizem o

sistema dialógico, o fluxo informacional e o desenvolvimento das habilidades. Mas é claro que, para isso, faz-se necessário ensinar o aspirante a decodificar os processos de construção da comunicação para, em sequência, poder usar estes novos mecanismos em seus planos de aula.

Mais do que apenas aprender a fazer um vídeo, uma foto, um blog, um podcast, um jornal, o professor precisa aprender quais aspectos orbitam em torno deste binômio comunicação e educação. Também há uma outra perspectiva de expectativa: o enriquecimento dos coeficientes comunicacionais democráticos dentro destes cenários educativos. E isso não é elemento palpável, mas de intenso valor quando falamos sobre possibilitar recursos que, além do conteúdo programático, proporcione cidadania, lugar de fala, emancipação.

Nessa ótica, fundamenta-se a necessidade de a comunidade escolar rever constantemente seu papel dentro do cenário sociopolítico-cultural, no qual está inserida e apropriar-se, cada vez mais, da consciência transformadora e libertadora, a qual acredita-se que traga enraizada plenamente em sua essência. A comunicação é o caminho.

Não é de hoje que se debate a importância de se estabelecer uma relação teórico-prática entre os campos da educação e comunicação, partindo dos referenciais das estruturas de linguagens. Teórica, que proporcione a possibilidade de fornecer conceitos e paradigmas de análise para as ações experimentais que acontecem no cotidiano e que buscam minimizar os distanciamentos entre o modelo educacional hegemônico e a realidade cada vez mais marcada pela forte presença dos meios de comunicação e de informação de massa na sociedade, na vida dos estudantes e dos professores. Prática, que dê conta do cotidiano contraditório da sala de aula, no qual muitos exemplos e representações ditados por esses mesmos meios determinam cada vez mais a ação educativa e os processos de aprendizagem.

A interface entre a Comunicação e a Educação exige um novo pensar que reestruture os formatos pedagógicos e propõe novas estratégias de intervenção na sociedade que possibilite responder os processos midiáticos e educacionais contemporâneos, perpetuando um fluxo informacional e dialógico enriquecido nas bases da linguagem culta. Esta reflexão afirma-se na medida em que, tanto o desenvolvimento tecnológico quanto as diversas alterações econômicas e sociais, como produtores de novos padrões culturais, têm colocado em pauta para a escola a necessidade de um reposicionamento diante do que dela se exige: encaminhamentos intencionais que preparam as pessoas para a inserção crítica e intervencionista na sociedade.

A comunicação apresenta-se como elemento-chave no planejamento, execução e avaliação de todo o processo ensino-aprendizagem, isto é, a gestão da comunicação é parte integrante da gestão de projetos educacionais.

A educação, hoje, vive o desafio de desenvolver-se sob novos princípios, de reconstruir-se sob um novo paradigma. Não mais é possível adotar currículos tradicionalistas. A sociedade da informação, a sociedade em rede, impõe novas demandas aos indivíduos exigindo que sejam

abertos às informações novas que surgem a cada momento e capazes de aprender relacionando os conhecimentos das diversas áreas de conhecimento do mundo.

Tudo isso só é possível quando, na formação docente, estas reflexões e ferramentas são disponibilizadas. Vale destacar, aqui, portanto, que as formatações profissionais que imperam com as novas metodologias ou instrumentais estão relacionadas com a subjetividade do sujeito professor – suas relações, experiências, superações, suas leituras e formas de entendimento e aplicação destas novas formatações. Isso porque toda prática docente é influenciada pelas marcas deixadas na história do sujeito. Por isso, o ser professor não pode estar desvinculado do eu pessoal e do eu profissional (NÓVOA, 1995). Esse eu pessoal, que contribui para o ser professor, apresenta-se na forma da cultura vivida pelo professor ao longo da sua vida. E isso o ajuda a pavimentar caminhos para entender os novos conceitos, associá-lo à sua prática.

Josso (2004) vai nos chamar a atenção para dizer que a dialética entre saber e conhecimento, interioridade e exterioridade, entre individual e coletivo, estão sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora. A intersecção de sentidos na relação entre os sujeitos, se opera dentro da esfera do diálogo enriquecido para o entendimento das aspirações, desafios, conflitos, perspectivas do sujeito; portanto, suas memórias, identidades, narrativas, no processo de ampliação dos conhecimentos.

## **Conclusão**

Os novos tempos e as novas propostas educativas voltadas à formação de um docente bem-informado sobre as perspectivas da cultura digital, também chama para uma leitura de que os sujeitos que opera estas dinâmicas são subjetivos, com identidades e memórias que precisam, portanto, estarem presentes, relacionando com a prática formadora.

A reflexão e a prática são aspectos que caminham juntas, já que precisam dar sentido aos processos. E isso se opera na comunicação ampliada nos espaços da formação humana. Dinamizar as práticas de intersecção entre os campos tão múltiplos dos processos de ampliação de conhecimentos, e trazê-los para o constructo de fundamentações que dinamizam a prática docente e a percepção do professor enquanto agente protagonista de transformações (pessoal e coletiva), são estratégias que ajudam a modernizar o sistema de ensino, tornando-o mais orgânico e menos funcionalista, mais horizontal e menos burocrata; e, claro, muito mais revolucionário. É preciso instigar o professor e os agentes da educação à curiosidade que transforma sentidos.

A presença cada vez mais crescente e expansiva dos meios de comunicação de massa na vida cotidiana propõe um desafio múltiplo e muito profundo: redirecionar os paradigmas do processo de aquisição de conhecimentos no âmbito da formação dos professores e ampliar os conceitos que orbitam em torno dos campos da educação e da comunicação. Como pavimentar

uma estrada que proporcione uma formação adequada em tempos de avanços de tecnologias da educação? Como formar professores, no século 21? Como ajudar a construir novas arquiteturas curriculares, aportadas em mediações tecnológicas? Como o professor, sujeito de tantas experiências, pode ajudar a escola a manter um olhar para a inclusão e para a essência do ato de educar, instigando o aluno a reconhecer-se, também, como sujeito de memórias, subjetividades, culturas e identidades, aspectos que fundamentam emancipações? Como estabelecer, concretamente, a linha tênue entre os avanços das ferramentas, mecanismos e instrumentos tecnológicos na educação, com a missão de provocar sentidos nesta nova escola que se faz presente e que se prospecta ainda mais desafiadora? Qual o papel da comunicação neste constructo?

Estas questões, contemporâneas, ajudam a educar o olhar sobre o novo tempo e a perceber que a escrita memorial da dinâmica experiência humana se faz absolutamente presente na formatação de novas leituras na prática docente – e na instituição -, contribuindo para a formatação de ecossistemas comunicacionais emancipatórios nestes espaços de formação.

## Referências

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: Registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie – Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J.M. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002. .

NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. v. 12. (Guia da escola cidadã; v.12). 2005.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.